

Malhada de Biterres 2 (Mombeja, Beja): um forno da Idade do Ferro nos alvores da Romanização

Susana Estrela¹, Marco Costa², Eduardo Porfírio, Miguel Serra³

RESUMO

No decorrer dos trabalhos de minimização de impactes sobre o património decorrentes da execução do projecto Conduta Santa Vitória, Mombeja, Beringel, no âmbito do qual se procedeu à implantação de condutas de abastecimento de água às freguesias rurais do concelho de Beja, da responsabilidade da EMAS, EEM, foram identificados pela equipa da Palimpsesto Lda. responsável pelo acompanhamento arqueológico, no sítio de Malhada de Biterres, vestígios de estruturas e materiais arqueológicos, genericamente enquadráveis na II Idade do Ferro e no período Romano Republicano.

A escassos metros da área intervencionada encontravam-se dispersos à superfície do terreno, em quantidades consideráveis, materiais de cronologia romana, anteriormente identificados no decorrer dos trabalhos de prospecção relativos à elaboração da Carta de Património Arquitectónico e Arqueológico de Beja (Câmara Municipal de Beja), facto que levou à classificação do local como possível casal romano.

A intervenção arqueológica efectuada permitiu, numa fase inicial, reconhecer uma estrutura de configuração circular que se veio a confirmar tratar-se de um forno de produção cerâmica.

A tipologia e a tecnologia de edificação da estrutura apontam para uma cronologia sidérica, contudo, entre os materiais recolhidos encontram-se também fragmentos cerâmicos do período Romano Republicano. Esta coexistência, além de poder revelar alguns dados sobre a forma como se processou o fenómeno de aculturação, permite também recuar cronologicamente o período de ocupação do sítio Malhada de Biterres 2.

Pretendemos trazer à discussão alguns dados sobre este tipo de estruturas produtivas as quais, apesar do incremento de dados relativos ao I milénio, possibilitado pelas inúmeras intervenções de emergência a que o território envolvente tem sido sujeito, permanecem em larga medida desconhecidas.

1 - Arqueóloga. E-mail: estrela.susana@gmail.com

2 - Arqueólogo. E-mail: geral@palimpsesto.pt

3 - Arqueólogos, Palimpsesto, Lda. Apartado 4078, 3031 – 901 Coimbra.

E-mails: eduardoporfirio@palimpsesto.pt / miguelserra@palimpsesto.pt

ABSTRACT

The archaeological work in Malhada de Biterres 2 was undertaken under the "historical environment (heritage) impact minimization measures" promoted by EMAS, EEM on the "Conduta Santa Vitória, Mombeja, Beringel" project. This work consisted on the implantation of a drain system to improve the water supply to Beja's county parishes.

During the archaeological work structures and materials, generally associated with the 2nd Iron Age and Roman Republican Period were identified by Palimpsesto Lda. team.

The Roman occupation of this area had already been recorded during the archaeological fieldwork/ground survey for the Carta de Património Arquitectónico e Arqueológico de Beja (C. M. Beja) - Architectural and archaeological heritage database of Beja, which led to the classification of this area as a possible farm.

The archaeological work undertaken allowed in an initial stage the recording of a circular structure, later confirm as a kiln.

The typology and technology of the structure point to an Iron Age chronology, however among the findings are also fragments of Roman Republican ceramics. This coexistence, besides allowing the understanding of how the process of acculturation, commonly known as romanization, took place, also allows placing the occupation of Malhada de Biterres site in an earlier period.

This paper intend to discuss the first data resulting from the study of this site, and particularly this type of productive structures, although the increment of relative data for the 1st millennium, made possible by innumerable emergency interventions involving this territory, remains in measured wide unknown.

1. INTRODUÇÃO

O sítio arqueológico de Malhada de Biterres 2 situa-se a cerca de 740 metros a Sul de Beringel, na proximidade da Ribeira do Galego. O terreno caracteriza-se por ser pouco acidentado, pontuado por elevações suaves e pouco expressivas altimetricamente, característico da peneplanície alentejana, com cotas que variam, nesta zona específica, entre os 170 e os 200 metros, evoluindo para uma aplanação quase perfeita nas zonas localizadas a Oeste e a Sudoeste de Beja e nas proximidades de Santa Vitória (Oliveira, et al. 1992, 11).

A peneplanície alentejana, unidade fundamental do relevo do Alentejo, é, em termos geológicos, relativamente estável, formando-se a partir dela, através de fenómenos de deslocação tectónica e de erosão, a esmagadora maioria dos elementos morfológicos desta região. A homogeneidade da paisagem é interrompida nesta zona pelos relevos residuais da Serra de Beringel e dos morros de Beja (Oliveira et al., 1992, 11- 13).

Confrontando a implantação da intervenção

arqueológica com a folha 8 da Carta Geológica de Portugal à escala 1/200 000 (Oliveira et al., 1992), verifica-se que Malhada de Biterres 2 se situa na Zona Sul Portuguesa, mais propriamente num sector denominado Complexo Básico Plutônico de Odivelas, onde se englobam diabases e basaltos, por um lado, e piroclástitos, por outro. Apesar da escala disponível, é possível verificar que o sítio se localiza na área dos Gabros de Beja, caracterizada pela divisão entre os Gabros Inferiores e Gabros Superiores datados recentemente do Viseano Superior, entre 337 e 340 M.A. (Oliveira et al., 1992, 27 – 28).

Os trabalhos arqueológicos incidiram sobre uma faixa de terreno com inclinação descendente no sentido Oeste – Este na direcção da ribeira do Galego, a escassos metros do caminho rural que, a partir de Beringel, dá acesso às explorações agrícolas situadas nas vizinhanças da vila baixo-alentejana.

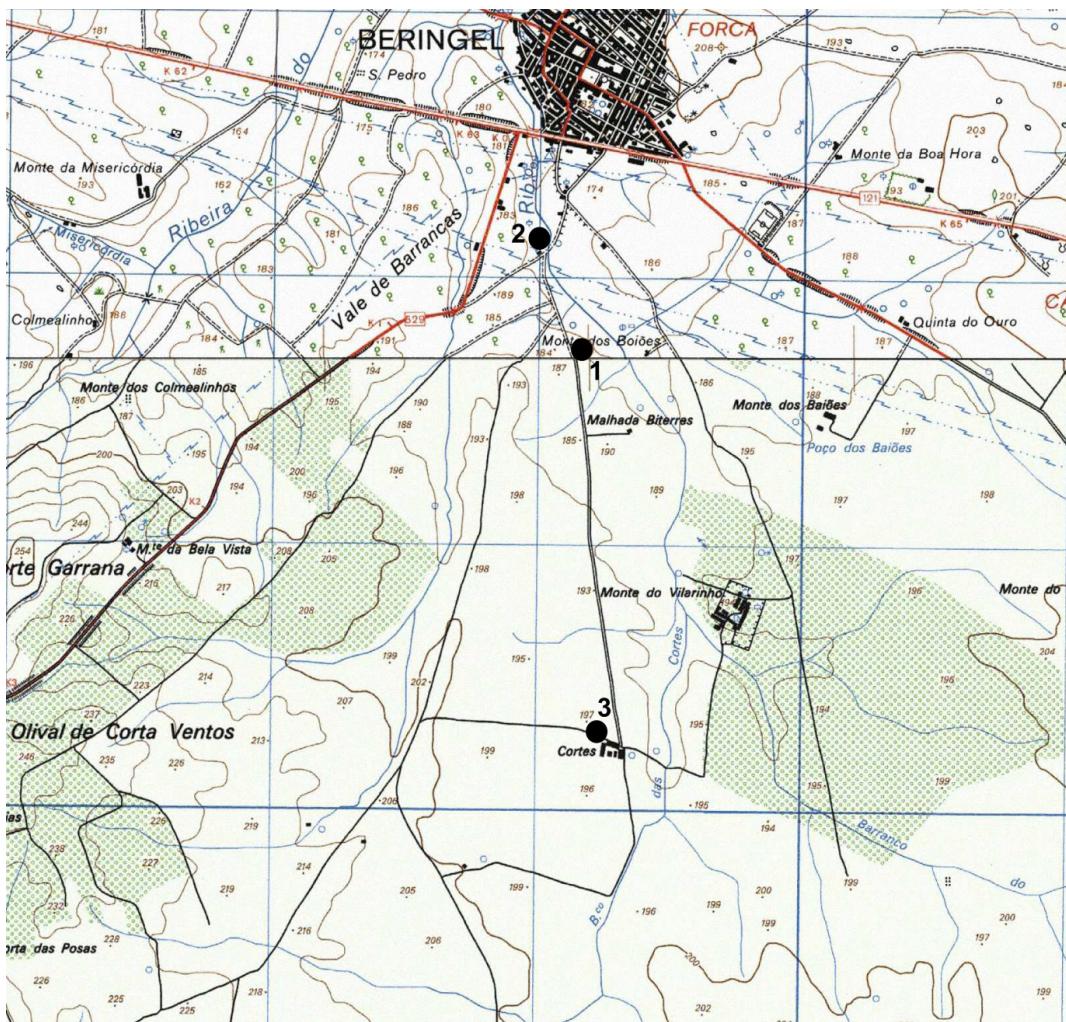


Figura 1: Localização dos fornos de Malhada de Biterres 2 (nº 1), Vale da Barrancas (nº2) e Monte das Cortes 1 (nº 3) na folha 509 da Carta Militar de Portugal (escala 1/25000).

O sítio de Malhada de Biterres havia sido identificado no decurso dos trabalhos de prospecção relativos à elaboração da Carta de Património Arquitectónico e Arqueológico de Beja (Ricardo e Grilo, no prelo). À superfície do terreno foi observado um conjunto de materiais arqueológicos (*imbrex*, *lattere*, taças, tigelas, panelas, ânforas, *dolia* e pesos de tear) que apontavam, juntamente com a topografia do terreno, para a implantação de um casal romano. No momento da nossa

intervenção arqueológica estes materiais encontravam-se ainda presentes em quantidades consideráveis a poucos metros da sondagem 1.

Os resultados obtidos no decurso da nossa intervenção em conjunto com os vestígios existentes à superfície, parecem confirmar a existência desse mesmo casal mas fazem remontar os inícios da sua ocupação para um período cronologicamente anterior ao que se supunha inicialmente.

2. O FORNO DE PRODUÇÃO CERÂMICA E OS MATERIAIS ARQUEOLÓGICOS ASSOCIADOS

O principal resultado da intervenção arqueológica de emergência em Malhada de Biterres 2 saldou-se na identificação de uma estrutura de combustão aberta em

depósitos preexistentes e no próprio substrato geológico. Tal estrutura de combustão corresponde a um forno construído e utilizado para a cozedura de cerâmica.



Figura 2: forno de Malhada de Biterres 2.

Alertamos para o facto de não ter sido possível reconstituir integralmente a planta e os perfis desta estrutura, dado o rasgo provocado pela vala da conduta de abastecimento de água. Apenas nos chegou parte do pilar central de sustentação da grelha e do corredor

de entrada do forno e uma parte da sua câmara de combustão (V. Fig. 3). Da sua cobertura não nos restaram quaisquer evidências materiais. Ainda assim, podem ser apontadas algumas das suas características arquitectónicas.

**MALHADA DE BITERRES 2 (MOMBEJA, BEJA):
UM FORNO DA IDADE DO FERRO NOS ALVORES DA ROMANIZAÇÃO**

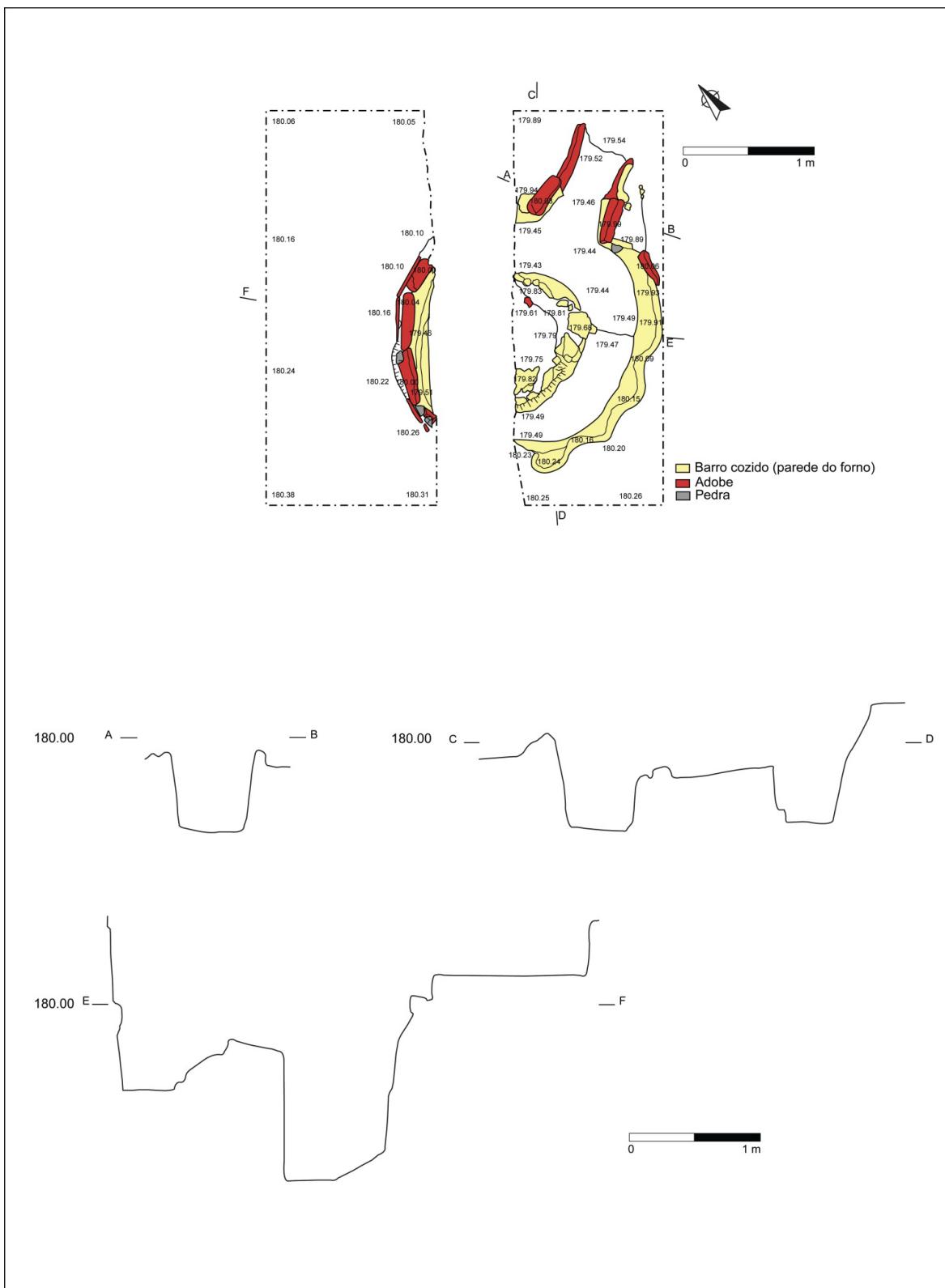


Figura 3: Planta e perfis do forno de Malhada de Biterres 2.

O forno identificado em Malhada de Biterres 2 terá sido edificado através de um processo faseado e misto, ou seja, incluindo elementos estruturais construídos *in situ* através da moldagem manual de barro cru, aplicado sobre sedimento escavado ou moldado previamente e,

por outro lado, através da aplicação de elementos pré-fabricados, como na entrada e nos blocos de adobe incorporados nas paredes. Para finalizar o processo construtivo, ter-se-á realizado uma cozedura *in situ* com vista à solidificação da estrutura.

Conhece uma orientação Este-Oeste, desde a entrada da boca até ao interior da câmara de combustão e caracteriza-se por uma planta de tendência piriforme, com um corredor recto com perto de 70 cm de comprimento, por 50 cm de largura e 60 cm de profundidade conservados. Daqui acede-se à câmara de combustão, de planta circular, com perto de 2 metros de área útil e conservada em cerca de 50 cm.

Pelo lado de Este, o topo da câmara de combustão apresenta uma delimitação ondulada, prévia à construção da grelha. Desta última, chegaram-nos escassos elementos construtivos, respeitantes a pequenos fragmentos cerâmicos moldados manualmente e perfurados, correspondentes aos agulheiros ou orifícios de respiração da estrutura de combustão, identificados em u.e.s provenientes da fase prévia à construção da estrutura de produção cerâmica (Fase III).

Considerando as condicionantes atrás descritas, o forno de Malhada de Biterres 2 poderá integrar as formas 5 ou 6 de Coll Conesa, variante B (2008, fig. 3, 119). Esta proposta tipológica refere-se a fornos de cronologia romana e anteriores. Se parece seguro assumir a existência de um pilar central na câmara de combustão desligado das paredes da mesma (variante 6-B daquela proposta tipológica), já a planta da totalidade da estrutura identificada sugere tratar-se de uma das variantes B da forma 5, com uma câmara de combustão circular claramente aberta para uma boca/corredor de acesso/*praefurnium*. Por outro lado, a existência de uma delimitação ondulante da parte superior da câmara de combustão sugere uma aproximação à variante B da forma 3 da mesma tipologia de estruturas de combustão, sublinhando-se assim as enormes possibilidades de adequação construtiva e a fuga à rigidez de certas variáveis desta tipologia.

Porém, os elementos centrais desta análise arquitectónica – a saber: a planta circular da câmara de combustão, a existência de uma só entrada ou boca e a existência de um pilar central, evocam a simplicidade aparente da sua construção, o que não será totalmente equiparável no momento de se proceder a uma atribuição cronológica, como de seguida se verá.

Encontra semelhanças na estrutura identificada em finais dos anos 90 do século XX no sítio de Malhada dos Gagos 13 (Reguengos de Monsaraz), sítio implantado num terraço sobranceiro à margem direita do Guadiana e intervencionado no âmbito do projecto de minimização de impactes de Alqueva.

À semelhança do forno de Malhada de Biterres 2, o forno de Malhada dos Gagos 13, conservava apenas a câmara de combustão, com pilar central e uma boca virada a Este. Estava parcialmente rebaixado no granito e a sua estrutura era construída em blocos de barro cozido (adobes) quer nas suas paredes quer no pilar central. Desta intervenção saíram elementos artefactuais que integram cronologicamente o forno em torno do séc. V - séc. IV a.C.

A maioria da cerâmica era feita ao torno, com peças abertas, sobretudo taças de bordo simples e com peças fechadas de que se destaca os potes de bordo extrovertido. As ânforas, de formas assimiláveis ao tipo B/C de Pellicer, eram aparentemente produzidas regionalmente. Na cerâmica manual, surgem sobretudo as formas fechadas, usadas na confecção e armazenamento de alimentos, em peças decoradas com matrizes impressas (motivos raiados e reticulados), digitações sobre o bojo e incisões no bordo, num local que parece ter conhecido ocupação até ao séc. III a.C. (Calado et al., 2007, 160-162 e 168).

O sítio serve, de acordo com os autores da intervenção arqueológica, como prova de uma continuidade, já na segunda metade do I milénio, da ocupação rural do Alentejo Central, seguindo um modelo de instalação que se inspira grandemente em momentos anteriores (Calado e Mataloto, 2008, 212).

Também no Alentejo Central, foi identificado um outro forno no sítio de Currais 5 (São Manços, Évora) do qual restou apenas a parte inferior, dada a “*ablação provocada por trabalhos agrícolas*”. Apresentava uma planta sub-circular, aberta a Sudoeste, e estava construído com blocos de argila cozida, sendo que o pilar central, com planta sub-rectangular e também feito de argila cozida, se encontrava oco. Um piso fazia a ligação entre o pilar e a estrutura de combustão.

No interior do que deveria ser a câmara de combustão, apareceram abundantes fragmentos cerâmicos que formavam um conjunto aparentemente homogéneo mas que comportavam “*um valor muito escasso de marcador cronológico*” e que resultava da degradação da estrutura depois do seu uso.

A estrutura é datada da Idade do Ferro, não se descurando a possibilidade de se tratar de um forno construído e usado aquando da ocupação romana verificada noutras pontos da intervenção em Currais 5, perante os “*caracteres morfotécnicos das cerâmicas que lhes estão associadas*” e perante a pervivência longa da

tipologia do forno em época romana (Alarcão, 2004, 41-48) mas “a comparação contextual com outros registos arqueológicos regionais não sustenta esta hipótese” (Nunes et al., 2008, 456-461).

Outras semelhanças, meramente tipológicas, podem ser encontradas por exemplo no forno da chamada fase púnica de Cerro del Villar (Málaga), cuja cronologia se centra nos inícios do séc. V a.C., depois de um hiato da ocupação do sítio em inícios do séc. VI a.C. (Aubet et al., 1999, 79-80 e Lavado, 1999, 128-131). A distância cronológica proporcionada pelos materiais associados a um e a outro forno não autorizam, obviamente, uma vinculação tão antiga para o forno baixo-alentejano. Mas as características da construção apontam para uma continuidade nas arquitecturas destas áreas funcionais específicas.

Pode ainda ser equiparado ao forno I do Sector 3 de Camposoto, hoje patente na chamada Rotunda dos Fornos Púnicos, em San Fernando (Cádis). Se atendermos à estruturação ondulante da parte superior da câmara de combustão, onde assentava a grelha de combustão, ficam bem evidentes as semelhanças na construção (Gago Vidal et al., 55; Saéz Romero et al., 2004, 36), apesar da distância cronológica entre os dois fornos. O forno andaluz produziu ânforas gaditanas T-11.2.1.3 e imitações de tipos anfóricos gregos entre os séculos V e IV a.C., num momento de grande prosperidade económica da cidade fenícia de *Gadir* (Saéz Romero e Díaz Rodríguez, 2007, 197).

Mas a maior similitude do forno de Malhada de Biterres 2 pode ser encontrada em alguns fornos da área gaditana e, de entre estes, com uma estrutura de combustão em particular. E só o panorama da produção de cerâmica, que se encontra muito mais avançado do outro lado da actual fronteira, com estudos realizados não só sobre as arquitecturas dos complexos industriais mas também sobre os artefactos neles produzidos (e, por consequência, a análise dos seus usos e conteúdos e das suas cronologias de fabrico) permite esta conclusão. Deste lado da fronteira, os dados sobre este tema são ainda muito escassos e dispersos, o que vem valorizar os resultados da intervenção arqueológica conduzida em Malhada de Biterres 2.

A planta piriforme assemelha-se aos fornos 1 e 3

de Torre Alta, aos fornos da Av. Al-Andaluz, à estrutura de combustão de época romana republicana (segunda metade do séc. II a.C.) identificada na Av. Pery Junquera (Saéz Romero et al., 2004, 197; Gonazález Toraya et al., 2002, 177 e 181) ou ao forno 1 do complexo industrial de La Milagrosa. Este último está adscrito a uma laboração datada de entre os finais do séc. III e as primeiras décadas do séc. II a.C., dada a presença de fragmentos anfóricos do tipo T-8.2.1.1. A estrutura apresenta um escalonamento no interior do corredor de acesso à câmara de combustão, designado como forno “con praefurnium escalonado” (Bernal et al., 2002, 329-330).

E, como veremos de seguida, as semelhanças não se limitam ao esquema construtivo, podendo ser vistas também no que diz respeito à cronologia de laboração.

A estratigrafia identificada e escavada no local permitiu a afinação de três momentos principais em Malhada de Biterres 2: uma fase inicial, Fase III, na qual se inserem uma série de depósitos cortados pela interface de construção do forno; uma Fase II, reflectida, por um lado, nos momentos de construção e utilização do forno e, por outro lado, num momento de abandono do uso da estrutura de combustão; e uma Fase I, respeitante aos depósitos mais superficiais, mais ou menos revolvidos por trabalhos agrícolas e que colmatam os episódios de derrube da estrutura. Em todas estas fases se notou a profunda alteração estratigráfica provocada pelos trabalhos de colocação da conduta de abastecimento de água.

Os materiais arqueológicos serão apresentados de acordo com esta proposta de faseamento, avançando na diacronia de ocupação do local, desde os momentos mais recentes até aos momentos mais antigos.

Como se verá, todos respeitam a fragmentos, o que, no caso de uma estrutura de cozedura de cerâmica, se afigura um resultado algo desencorajador no momento de atribuir uma eventual especialização de produção de determinado tipo de cerâmica. No entanto, muitas das particularidades destes materiais traduzem algumas novidades e trazem à estampa novas questões no momento de avaliar cronologicamente não só a estrutura de combustão em si como os próprios materiais.

1.1. MATERIAIS DA FASE I

Desta fase, correspondente aos momentos de colmatação dos derrubos do forno, num depósito terroso mais ou menos revolvido pelos trabalhos agrícolas (u.e. 100), foram identificados materiais cerâmicos de clara cronologia sidérica, remobilizados e associados a materiais de cronologia romana republicana.

Todos os fragmentos estudados para esta fase se reportam a produções de origem local/regional, nas

produções anfóricas dos tipos T-8.2.1.1. (tipo Carmona) e T-4.2.2.5. (tipo D de Pellicer) e na presença de cerâmica de armazenagem e/ou de transporte, em recipientes com matrizes impressas. A escavação forneceu, por um lado, os já típicos elementos da chamada II Idade do Ferro do Baixo Alentejo e, por outro lado, trouxe a novidade patente num fragmento de uma asa de um contentor de grandes dimensões (fig. 4).

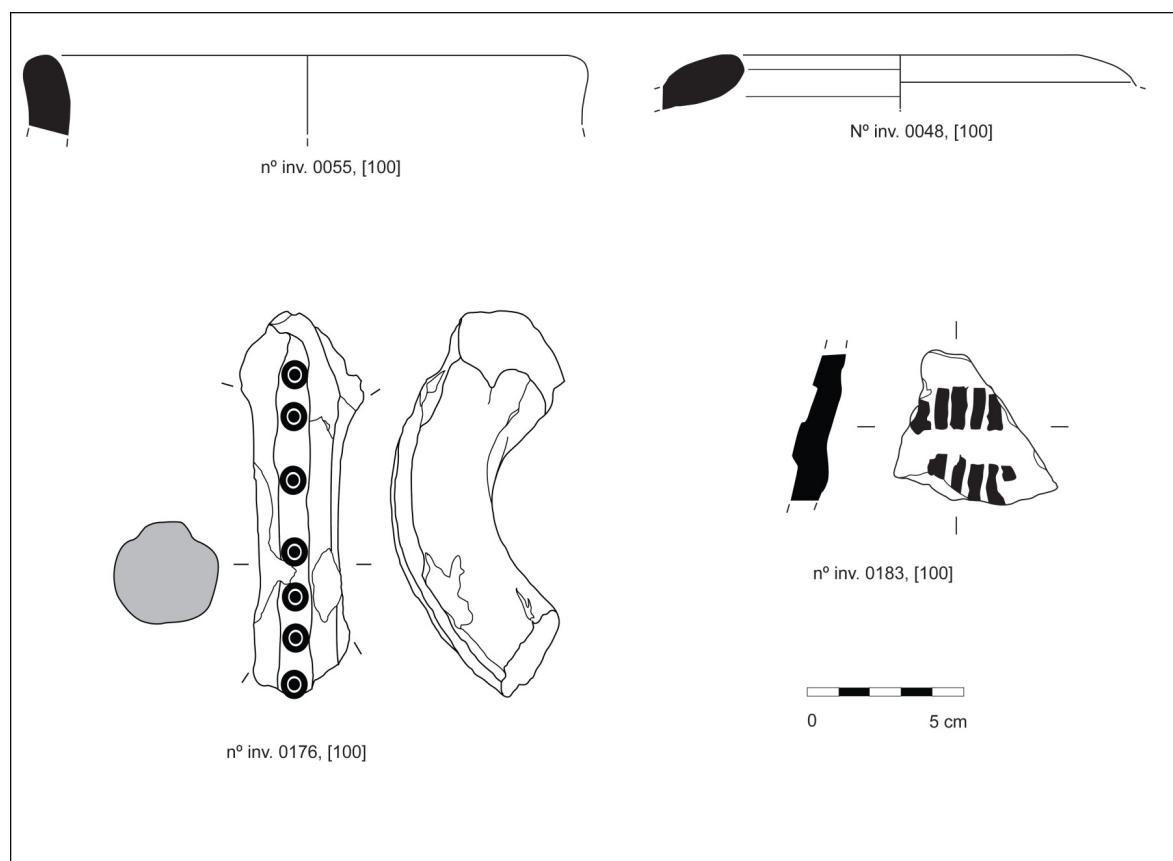


Figura 4: materiais arqueológicos da Fase I de Malhada de Biterres 2.

As ânforas T-4.2.2.5 correspondem a um modelo típico do mundo turdetano, com uma cronologia lata, iniciada em meados do séc. IV e prolongada até aos finais do séc. I a.C., considerando os dados de Castro Marim e do Cerro da Rocha Branca, no Algarve, com formas evolucionadas emparelhadas com importações itálicas e béticas, em contextos claramente romanos (Arruda, 2001, 77-78). No Sul do actual território português, e numa escala geográfica aproximada, foram identificados contentores anfóricos desta tipologia nos dois sítios algarvios já mencionados, dentro daquelas cronologias, e em Mesas do Castelinho (Almodôvar), em

três fragmentos com pastas que deverão ser originárias do mesmo centro produtor e localizado na área gaditana (Filipe, 2010, 62 e 63). Quanto à cronologia destas peças no povoado baixo-alentejano, reanálises estratigráficas relacionadas com o estudo da fase sidérica do sítio (Estrela, 2010, 22 e 24) levam-nos a considerá-los como pertencentes já aos momentos de ocupação romana republicana, em parte contradizendo o apontado pelo autor do estudo específico sobre as ânforas de tradição pré-romana de Mesas do Castelinho (Filipe, 2010, 63). Este modelo é ainda conhecido em Beja (Grilo, 2007, 265), Monte Molião (Arruda *et al.*, 2008), Faro (Arruda

et al., 2005, 198), Tavira (Maia, 2004, 12) e Cerro do Cavaco (Fabião, 2003).

Em Malhada de Biterres 2, o fragmento recolhido (nº inv. 0048), produzido numa área geográfica relativamente circunscrita, ainda de difícil localização dada a inexistência de estudos específicos de pastas, aponta, em conjunto com parte dos restantes materiais desta fase, para momentos já relacionados com a presença romana no Sul do actual território português. Com ele coexiste um fragmento de bojo e arranque de bordo de uma ânfora Dressel 1 de proveniência itálica (não representada graficamente), contentor cerâmico associado ao transporte de vinho durante momentos tardo-republicanos, datado do 3º quartel do séc. II a.C. (Morais, 2010, 186) e profusamente disseminados pelo Sul do actual território português, facto que se tem vindo a explicar pela coincidência do seu período de circulação com as grandes movimentações de tropas romanas nesta região (Parreira, 2009, 55).

Em associação, o fragmento de uma produção local regional de T-8.2.1.1. (nº inv. 0055) deixa entender uma cronologia mais recente que a apontada para os inícios da produção desta forma anfórica, datado dos inícios do séc. IV a.C. Talvez se possa relacioná-lo com um momento de evolução da forma, datado do último terço do séc. III a.C e vigente até à transição entre o séc. II e o séc. I a.C. (Saéz Romero, 2008, 641). Porém, as dimensões do fragmento não autorizam a sua inserção nesta forma evolucionada.

Este tipo anfórico encontra-se documentado em paragens litorâneas mas sempre com exemplares em número relativamente reduzido. São conhecidas ânforas T-8.2.1.1 em Monte Molião (Arruda *et al.*, 2008, 147), Cerro da Rocha Branca (Gomes, 1993, 95 – fig. 15, nº 5), Castro Marim (Carretero Poblete, 2004, 428 – fig. 1), em Faro (Sousa, 2005, 100) e em Alcácer do Sal (Paixão, 2001, 165). Porém, os dados de outras paragens mais interiores dão provas da fácil disseminação deste modelo e desde momentos relativamente antigos da sua produção. Mesas do Castelinho apresenta actualmente o conjunto mais numeroso de exemplares desta forma em território nacional, em contextos da Idade do Ferro e de época romana republicana e com proveniência exclusivamente gaditana (Filipe, 2010, 65), com a identificação, perfeitamente contextualizada cronologicamente, de um exemplar de uma forma evolucionada, em contextos datados da Fase I da sua ocupação sidérica, do séc. II a.C. (Estrela, 2010, vol. I,

30 e vol. II, 32).

Quanto aos exemplares cerâmicos com matrizes impressas, encontramos os típicos motivos mas em peças aparentemente, bastante distintas do ponto de vista morfológico e que, por isso, apresentarão diferentes razões funcionais e cronologias.

O exemplar de bojo (nº inv. 0183) com matriz impressa do tipo A-III (matriz rectangular e motivos internos reticulados dispostos na vertical) da tipologia estabelecida por Ruiz Rodríguez e Nocete Calvo (1981) corresponde a um fragmento de bojo feito manualmente e terminado a torno lento, pertencente a um recipiente de armazenagem de dimensões consideráveis, e por isso enquadrável no Grupo I da seriação estabelecida por Fabião (1998, vol. II, 79-107).

A matriz impressa é relativamente conhecida no Sul do actual território português. Foi datada genericamente de entre os sécs. V e II a.C. em Cabeça de Vaiamonte – Monforte, em três recipientes feitos ao torno (Arnaud e Gamito, 1974-1977, 180 – fig. IV, nº 27; 184, nºs 57 e 60 e 201-202), sendo que um outro (nº 58, 184 – fig. IV) é de fabrico duvidoso (sem certezas de ser a torno ou feito manualmente). Em Malhada dos Gagos (Alandroal), um fragmento de um recipiente manual com esta matriz impressa é datado de entre os sécs. V e IV a.C. (Calado *et al.*, 2007, 161 – fig. 38, peça 4). No primeiro sítio, os motivos reticulados são impressos quer na horizontal (nºs 27, 58 e 60) quer na vertical (nº 57) e no segundo sítio estão dispostos horizontalmente.

No povoado baixo-alentejano de Mesas do Castelinho, a presença de exemplares afins desta forma e motivo desde a Fase II da Idade do Ferro (segunda metade do séc. IV a.C. e todo o séc. III a.C.), em contextos arqueológicos seguros, comprovam, por um lado, uma cronologia inicial destas produções cerâmicas no Baixo Alentejo relativamente antiga, (Estrela, 2010, vol I, 61-63 e vol. II, Est. 24, nº 918) e, aparentemente, mesmo daqueles já relacionados com uma presença romana no local.

O exemplar de Malhada de Biterres 2, encontrado num depósito datado dos meados/finais do séc. II a.C., poderá, no entanto, ser mais antigo e encontrar-se remobilizado neste nível superficial mais ou menos revolvido.

O fragmento de asa com matrizes impressas (nº inv. 0176), produzido manualmente e pertencente a um contentor cerâmico de consideráveis dimensões (Grupo I de Fabião) constitui uma novidade no acervo

material de cerâmica com matrizes impressas no actual território português. Trata-se de uma asa de secção de tendência circular, com cerca de 2,5 cm de espessura, na qual se encontra criado um ressalto longitudinal no qual se encontram impressas, por oito vezes, uma matriz do tipo B-IV (matriz de forma circular com círculos concêntricos), com cerca de 0,8 cm. Sendo difícil atribuir uma funcionalidade concreta para o recipiente de onde provém o fragmento em questão, gostaríamos de apontar as consideráveis dimensões do mesmo, apenas possíveis numa peça de grandes dimensões, destinada ao armazenamento e/ou ao transporte de alimentos.

A novidade, dupla - no tipo de fragmento e nas dimensões da matriz impressa, não encontra paralelos no actual território português. A forma e o motivo da matriz, relativamente frequente na II Idade do Ferro, esbarra no desconhecimento que temos acerca de recipientes cerâmicos que a contenham com as dimensões do contentor de Malhada de Biterres 2. Dimensões deste calibre, mais reduzidas, são conhecidas em peças de menores dimensões, inseríveis no Grupo V de Fabião, coevo dos Grupos II e III, mas para o qual se admite um âmbito cronológico mais recente, ainda em uso à data dos primeiros contactos com o mundo romano (Fabião, 1998, vol. II, 83 e 84).

Nem mesmo em Cabeça de Vaiamonte (Monforte) local com um conjunto considerável de cerâmica com matrizes impressas, se encontram paralelos. O exemplar nº 67, referido como fragmento de asa (Arnaud e Gamito, 1974-1977, 174 e fig. VIII – 185), corresponde, afinal, a um fragmento de bojo com arranque de asa e

apenas o bojo tem apostas a matriz impressa, distinta da “estampilha” de Malhada de Biterres 2.

Da pesquisa que elaborámos tendo em vista a procura de fragmentos semelhantes, apenas nos foi possível a identificação de exemplares de asas com dimensões análogas às de Malhada de Biterres 2 em sítios do País Valenciano, como em Heretat de Valiente ou El Moluengo (Mata Parreño, 1985, 164 – fig. 5, nºs 30, 32 e 33). Nestes sítios, as “estampilhas” impressas nas asas são todas de dimensões superiores à matriz impressa de Malhada de Biterres 2. Os achados foram feitos à superfície, em sítios datados genericamente de entre o séc. VI a.C. e os inícios do séc. II a.C. e onde apenas um fragmento de Dressel 1 poderia fazer avançar a cronologia até à primeira metade do séc. II a.C. ou mesmo a momentos posteriores a este último intervalo cronológico, como em Heretat de Valiente. A situação não se esclarece no outro sítio (El Moluengo) já que não existem quaisquer dados seguros para apontar uma datação (Mata Parreño, 1985, 167).

Um terceiro sítio valenciano – Cerro de San Cristóbal, forneceu um outro paralelo, num fragmento de asa de dimensões semelhantes ao fragmento de Malhada de Biterres 2 mas com uma matriz impressa muito distinta (Valor et al., 2005, 109 – fig. 4, nº 13). O local conhece uma cronologia ampla, mediada entre o séc. VI e os meados do séc. II a.C. mas o facto de também aqui se tratar de uma recolha de superfície não autoriza um âmbito cronológico mais específico (Valor et al., 2005, 121).

1.2. MATERIAIS DA FASE II

Nesta fase integram-se, num momento mais recente, as u.e.s correspondentes aos episódios de derrube da estrutura de combustão e, por outro lado e equivalendo aos momentos de utilização do forno, depósitos de enchimento identificados no seu interior, posteriores à construção da estrutura. Dela saem escassos e fragmentários materiais arqueológicos, o que talvez se explique pelo abandono intencional e premeditado da estrutura de cozedura de cerâmica. Uma situação distinta, simplesmente de abandono da laboração no local, implicaria a presença de um conjunto cerâmico mais completo – no sentido de peças fragmentadas *in situ*, inteiras ou quase inteiras, o que não se verificou de todo.

Dos momentos de derrube, foram seleccionados cinco fragmentos cerâmicos, provenientes de três u.e.s (106, 113 e 115) e dos momentos de uso apenas um fragmento (saído da u.e. 123). Este conjunto cerâmico demonstra, apesar de diminuto, o universo do acervo material desta fase (Fig. 5). Dele fazem parte unicamente produções de âmbito local/regional, em recipientes de armazenagem fabricados exclusivamente à mão ou finalizados ao torno lento. Todos se inscrevem em cronologias sidéricas, nomeadamente a momentos que se podem balizar apenas genericamente, entre o séc. V e o séc. II a.C.

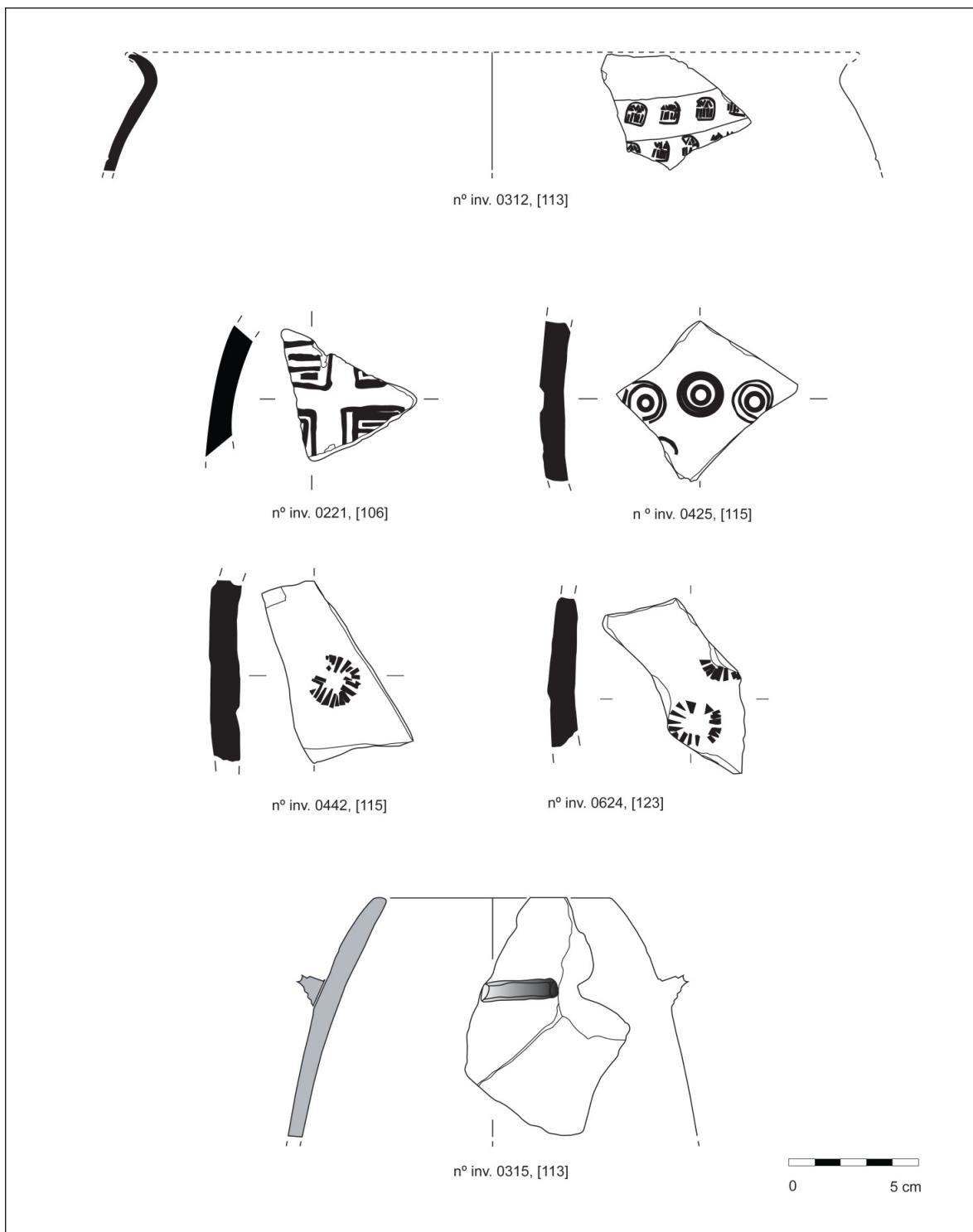


Figura 5: materiais arqueológicos da Fase II de Malhada de Biterres 2.

No primeiro caso, encontramos um fragmento de bordo e bojo de uma panela de pequena dimensão, feita manualmente e à qual se encontra apenas uma pega mamilada. O recipiente tem um bordo aplanado e introvertido, abrindo ligeiramente a partir do corpo, descrevendo um perfil de tendência globular (nº inv. 0315). A pega mamilada encontra-se disposta horizontalmente, sensivelmente no início do alargamento do perfil da

peça e está levemente repuxada para cima, de forma a permitir uma mais fácil preensão do recipiente – tendo sido também este, um dos critérios para a classificação funcional da peça.

Esta forma encontra-se largamente difundida pelos sítios da Idade do Ferro do Sul do actual território português, pelo que seria prolixo uma listagem de paralelos desta peça. Apenas referiremos algumas

semelhanças com uma pequena panela identificada na Fase II de Mesas do Castelinho, datada de entre a segunda metade do séc. IV a.C. e todo o séc. III a.C. (Estrela, 2010, vol. II, Est. 9, nº 4008).

Os restantes materiais desta fase de Malhada de Biterres 2 correspondem a fragmentos de recipientes de armazenamento fabricados manualmente e finalizados ao torno lento, aos quais foram impressas matrizes nos bojos e que se inscrevem no Grupo I de Fabião (1998, vol. II, 79-107).

O nº de inventário 0221 refere-se a um fragmento de bojo no qual se inscrevem pelo menos duas linhas de matrizes impressas do tipo A-III, matrizes de forma quadrangular com motivo reticulado. O único paralelo em território actualmente português parece ser o fragmento recolhido numa intervenção arqueológica dos anos 80 no Castelo de Serpa, numa produção cujo fabrico é desconhecido, num local datado de entre os sécs. IV e III a.C. (Soares e Braga, 1986, 186 – nº 14, 196). Colocamos algumas reservas nas semelhanças entre as duas peças baixo-alentejanas, sobretudo pela pequenez da matriz recolhida em Serpa. Apesar disto, pensamos que a peça de Malhada de Biterres 2 se pode inscrever plenamente numa cronologia sidérica.

O nº de inventário 0425, também um fragmento de bojo, apresenta também pelo menos duas linhas com matrizes impressas. A forma e o motivo correspondem ao tipo B-IV da tipologia de Ruiz Rodriguez e Nocete Calvo (1981), matrizes de forma circular e com círculos concêntricos “estampilhados”. A forma encontra-se plenamente difundida em contextos melhor ou pior conhecidos da Idade do Ferro do Sul do actual território português, como em Cabeça de Vaiamonte (Monforte) e Castelo Velho de Safara (Moura), onde está datada de entre os sécs. V e II a.C. (Arnaud e Gamito, 1974-1977, *passim*; Costa, 2010, 35-36 e Est. V e Soares, 2001, 60 – fig. 6, nº 30), no Castro de Chibanes – Setúbal, datada de entre os finais do séc. III e o séc. II a.C. (Costa, 1910, 61 e Est. IV – nº 475) e no depósito secundário de Garvão, Ourique, onde está datada entre o séc. IV e o séc. III a.C. (Beirão *et al.*, 1985, 80 e fig. 27 – nº 57). Os contextos arqueológicos de Mesas do Castelinho (Almodôvar) asseguram a presença desta tipologia de matriz impressa na Fase II (segunda metade do séc. IV e todo o séc. III a.C.) e na Fase I da Idade do Ferro, datada do séc. II a.C. (Estrela, 2010, vol. II, 14 e 15). O exemplar de Malhada de Biterres 2, à falta de melhores indicadores cronológicos, pode ser integrado numa

cronologia anterior ao séc. II a.C., podendo recuar até ao séc. V a.C.

O nº de inventário 0312 corresponde a um fragmento de bojo e parte inferior do bordo (do qual se faz uma proposta de reconstituição) de um recipiente de grandes dimensões no qual, abaixo de duas linhas incisas algo irregulares e relativamente finas, se imprimiu uma matriz da forma B e motivo da variante I (matriz de forma ovalada e motivo em eixo).

Trata-se de uma matriz relativamente rara em território nacional. Encontra algumas semelhanças com duas peças provenientes de Cabeça de Vaiamonte (Monforte), as apresentadas com os nºs 16 e 38. A primeira apresenta a matriz invertida (Arnaud e Gamito, 1974-1977, fig. 9, nº 16 – 177), quando comparada com a peça de Malhada de Biterres 2, num recipiente de dimensões razoáveis e feito ao torno, de acordo com as informações no inventário destes materiais deste sítio alto-alentejano (Arnaud e Gamito, 1974-1977, 201). A segunda apresenta maiores semelhanças com a peça do forno baixo-alentejano, num recipiente também montado ao torno, de acordo com as informações feitas pelos autores do inventário destas peças de Cabeça de Vaiamonte e de dimensões aparentemente menores (Arnaud e Gamito, 1974-1977, 201 e fig. IV, nº 38 – 181). Estes dois exemplares alto-alentejanos, assim fabricados, deverão integrar-se no Grupo II da seriação estabelecida por Fabião, ou seja, corresponderão a recipientes de armazenagem e preparação de alimentos, montados ao torno e de menores dimensões que os recipientes do Grupo I, produzidos local ou regionalmente e com cronologias mais recentes que as do Grupo I e em continuidade cronológica com ele (Fabião, 1998, vol. II, 81-82 e 84).

Em Mesas do Castelinho, um pequeno fragmento de um bojo montado ao torno (Grupo II de Fabião), apresenta as mais claras semelhanças com a matriz presente em Malhada de Biterres. Trata-se de um fragmento de um provável pote, no qual se observa uma linha com a matriz impressa de forma oval escutiforme com desenvolvimento dos motivos a partir de um eixo, com rectângulos e triângulos no interior, identificado num derrube de um compartimento criado e usado durante a Fase II da ocupação sidérica do sítio, balizada entre a segunda metade do século IV a.C. e os finais do séc. III a.C. (Estrela, 2010, vol. II, 49 e Est. 28).

O exemplar de Malhada de Biterres 2, tendo em conta a sua produção a torno lento e as perfeitas semelhanças

com a peça de Mesas do Castelinho, deverá inscrever-se num intervalo cronológico que pode recuar para a primeira metade do séc. IV e prolongar-se até ao séc. III a.C.

O nº de inventário 0442 de Malhada de Biterres 2 corresponde a um fragmento de bojo de um recipiente de armazenamento no qual se encontra impressa uma matriz do tipo B-II (forma circular com motivo radial).

A matriz encontra-se suficientemente difundida em contextos sidéricos do Sul do actual território português. Em Cabeça de Vaiamonte (Monforte) encontra-se datada genericamente de entre os sécs. V e II a.C., num recipiente feito ao torno (Arnaud e Gamito, 1974-1977, 187, nº 80, 202) e na Casa da Moinhola 3 (Alandroal), o fragmento, moldado manualmente, inscreve-se entre os sécs. VI e IV a.C. (Calado *et al.*, 2007, 163, fig. 41). Em Mesas do Castelinho é uma das matrizes mais difundidas na Fase III (finais do séc. V a.C. – primeira metade do séc. IV a.C.) e na Fase II, entre a segunda metade do séc. IV e todo o séc. III a.C. (Estrela, 2010,

vol. II, 13 e 14).

O fragmento de Malhada de Biterres 2, atendendo às cronologias dos restantes sítios onde surge esta matriz impressa, deverá inserir-se num intervalo cronológico que abarca os finais do séc. V e o séc. II a.C.

Encontra suficientes semelhanças com um outro fragmento de cerâmica com matrizes impressas para ser entendido como pertencente a uma única peça. Trata-se do nº de inventário 0624, saído já de um momento de uso da estrutura de combustão. As analogias com o nº de inventário 0442 e demais conclusões acerca da funcionalidade e cronologia deste fragmento foram já atrás suficientemente apresentadas. Resta por agora afirmar que a distância estratigráfica entre uma e outra u.e. é muito curta e que, portanto, o fragmento saído do momento de derrube poderá ser reportado ao momento anterior, de laboração do forno, o que, por si só, é suficientemente interessante no momento de tentar estabelecer uma especialização desta estrutura de combustão no fabrico de cerâmica.

1.3. MATERIAIS DA FASE III

A fase mais antiga identificada em Malhada de Biterres 2 corresponde às realidades preexistentes à construção e utilização do forno, cortadas pela interface negativa aberta pela estrutura de combustão.

Os materiais arqueológicos seleccionados para apresentação foram recolhidos em sete depósitos (u.e.s 120, 126, 132, 133, 137, 141, 142) e deles fazem parte elementos importados desde paragens meridionais e produções manuais, a torno lento e a torno de origem local/regional.

Nas cerâmicas manuais encontramos os típicos elementos da chamada II Idade do Ferro do Baixo Alentejo, com os chamados vasos fenestrados ou “queimadores” e os recipientes de armazenamento e preparação de alimentos nos quais se colocam por vezes pegas mamiladas ou cordões plásticos decorados com incisões (V. fig. 6).

Os cordões plásticos incisos de Malhada de Biterres 2 surgem no início do corpo de potes médios e grandes (nºs de inv. 0867 e 0894), cozidos em atmosfera redutora. As incisões, oblíquas, apresentam certa monotonia, apenas quebrada nas dimensões das peças onde são aplicadas. Se podemos apontar uma função decorativa para as incisões, o mesmo já não se poderá dizer acerca dos cordões plásticos, que parecem assumir funções de

preensão.

As pegas mamiladas surgem em formas médias de potes com cozedura redutora e superfícies simplesmente alisadas e nem mesmo a aplicação plástica deve ser encarada como decorativa, antes assumindo uma funcionalidade enquanto elemento de preensão. No caso apresentado (nº de inv. 0640), o mamilo apresenta uma forma rectangular, disposta horizontalmente, repuxado ao ponto de criar um perfil triangular.

Esta fase dá conta ainda de potes de dimensões mais reduzidas como o inventariado com o nº 0895, que conhece a colocação de uma asa com secção rectangular, iniciada no bordo e prolongada até ao início do corpo, abaixo do colo.

A profusão destas peças manuais é sobejamente conhecida desde os momentos finais do séc. V a.C. e mesmo daqueles que conhecem, desde o séc. II a.C., os primeiros contactos com o mundo romano, como em Mesas do Castelinho, onde estão presentes em contextos de utilização primária. Tal situação é o sinal claro de uma continuidade da utilização destes recipientes cerâmicos, reveladores, por sua vez, de um certo apego a arcaísmos, sobretudo no que respeita aos motivos e técnicas decorativas (Estrela, 2010, vol. I, 44).

No caso específico de Malhada de Biterres 2, um estudo mais aprofundado do espólio poderia trazer novas luzes sobre a dinâmica das suas formas manuais e a torno. Não deixa de ser sintomático, no entanto, a presença destas técnicas de aplicação plástica e de decoração incisa usada em exclusivo em recipientes manuais.

Os “queimadores” de Malhada de Biterres 2 apresentam em exclusivo a abertura de janelas triangulares, em fragmentos de bojos e numa base.

Os dois bojos (nºs de inv. 0915 e 0745) deverão pertencer a uma única peça, com semelhanças tecnológicas que ultrapassam o modo redutor em que foram cozidos. Ambos apresentam espessuras de paredes similares e a marcação do início dos seus corpos através de incisões mais ou menos regulares. As janelas conservadas apresentam-se orientadas com o maior vértice do triângulo para baixo e apresentam linhas incisas envolventes, também elas triangulares e em ambas as peças se observam sinais de fogo nas superfícies internas.

A base quadrangular de “queimador” (nº inv. 0876) apresenta quatro janelas triangulares em cada uma das duas faces conservadas e o início do pé circular da peça. O tipo de fragmento e a sua forma são relativamente raros e os melhores paralelos em território nacional encontram-se no depósito votivo de Garvão (Ourique), onde estão datados entre os sécs. IV e III a.C. (Beirão et al., 1985, p. 63 e 65 – fig. 22 e 23). No entanto, as bases dos “queimadores” de Garvão distinguem-se desta base de Malhada de Biterres 2 pela ausência de janelas nas

bases quadrangulares.

A área da intervenção, muito reduzida, dificultou a interpretação dos depósitos de proveniência destas peças, que podem ser vistos, apesar de tudo, como aterros preparativos para a construção do forno. Esta questão esbarra na impossibilidade de atribuir uma função específica para estas peças.

No entanto, é possível afastá-las de um uso votivo e ceremonial e assumi-las como elementos do quotidiano, mesmo no caso da base de “queimador”, essa sim verdadeiramente decorada com a abertura de janelas triangulares e na mesma linha de inspiração de outros recipientes cerâmicos. Nos outros dois casos, a abertura de janelas, mais que uma técnica decorativa, deverá ser entendida como uma técnica orientada para a saída de fumos (Estrela, 2010, vol. I, 70), em recipientes cerâmicos “(...) usados, também, em actividades mais comezinhas...” (Fabião, 1998, vol. II, 68).

Os contextos arqueológicos de Mesas do Castelinho são, a este respeito, suficientemente pertinentes, já que demonstraram a associação de destas peças a elementos de fiação, em momentos de utilização da Fase II da Idade do Ferro, datada entre a segunda metade do séc. IV e todo o séc. III a.C. (Estrela, 2010, vol. I, 71-72).

Os recipientes fenestrados de Malhada de Biterres 2, em associação estratigráfica com peças cerâmicas importadas (de seguida apresentadas), deverão integrar-se num intervalo temporal mediado entre os sécs. IV e II a.C.

MALHADA DE BITERRES 2 (MOMBEJA, BEJA):
UM FORNO DA IDADE DO FERRO NOS ALVORES DA ROMANIZAÇÃO

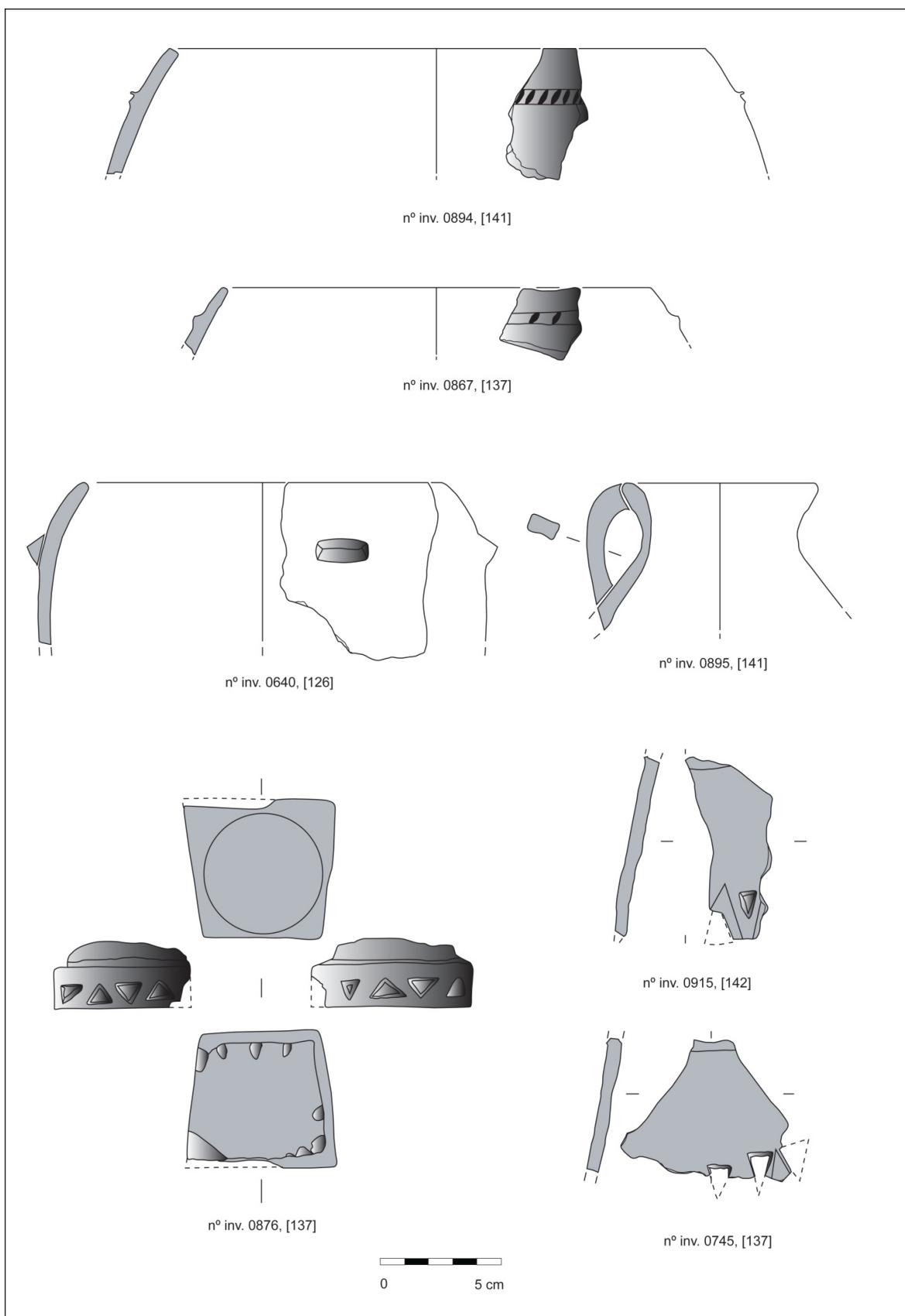


Figura 6: cerâmicas manuais da Fase III de Malhada de Biterres 2.

As produções a torno desta fase de Malhada de Biterres 2 englobam recipientes importados e recipientes fabricados local ou regionalmente. Dos primeiros constam uma ânfora T-8.2.1.1., um fragmento de cerâmica do “tipo Kouass” e um pote com bandas pintadas. Das produções locais/regionais é apresentado um fragmento de bordo, colo e bojo de um pote de médias dimensões (V. fig. 7).

A razão da inclusão desta última peça neste estudo preliminar de materiais do sítio de Malhada de Biterres 2 prende-se com as parecenças relativas que apresenta com uma das peças importadas.

O pote médio com os nºs de inventário 0909 e 0926 apresenta as típicas pastas calcárias andaluzas e três bandas de diferentes espessuras pintadas a vermelho vinoso, desde o bordo e até ao início do colo. Possui um ressalto no ombro, um colo largo e curto e um corpo globular. Esta forma equipara-se à forma 6-C-1 da tipologia de Pereira Sieso, datada de entre os sécs. V a.C., no Baixo Guadalquivir e de todo o séc. IV na parte oriental da bacia deste rio, encontrando-se os exemplares mais tardios no sector ocidental (Pereira Sieso, 1988, 157). O exemplar baixo-alentejano deverá ser coevo das produções que surgem na parte oriental da Bacia do Guadalquivir no séc. IV a.C., dadas as semelhanças com uma peça de Ceal (Pereira Sieso, 1988, 158 – fig. 9, nº 10).

Quanto ao exemplar sem pintura e produzido local ou regionalmente (nº de inv. 0899), interessa reter a noção de que apresenta características formais muito similares a tantas das peças produzidas na Andaluzia, com ou sem pintura. Neste caso, o recipiente apresenta um bordo exvertido, um colo relativamente largo e curto e um bojo que sugere um corpo de perfil globular, num recipiente que conhece um tratamento brunido das superfícies. Mesmo sem o ressalto e a pintura que o recipiente andaluz apresenta, esta peça de Malhada de Biterres 2 poderá ser integrada num dos tipos de Pereira Sieso, com cronologias de produção muito similares às da peça pintada mencionada. Referimo-nos à forma 1-C-1, caracterizada por um corpo de perfil ovóide, documentado ao largo da bacia do Guadalquivir desde o séc. V a.C. (Pereira Sieso, 1988, 148).

Outros estudos apontaram já a possibilidade da existência de fabricos de âmbito local/regional de peças pintadas (Sousa, 2005, 84-85 e Grilo, 2006, 109), situação que ajudará a entender a difusão não só das formas pintadas como das formas não pintadas. No respeitante

à cerâmica andaluza, “(...) no toda la cerámica a torno se decora, de hecho la denominada cerámica común es, desde el punto de vista tecno-morfológico, similar a las producciones pintadas (...)” (Ferrer Albelda e García Fernández, 2008, 203). E aqui está a razão principal da inclusão da peça sem pintura de Malhada de Biterres 2 neste estudo. Mais e melhores análises de peças existissem para a Idade do Ferro do Baixo Alentejo, de forma a se poder chegar a sínteses como as que são já hoje possíveis do outro lado da fronteira (a título de exemplo: García Fernández e García Vargas, 2010).

Sobre a ânfora T-8.2.1.1. (tipo Carmona) já nos detivemos atrás (2.1), numa peça produzida local ou regionalmente. A ânfora deste tipo integrada nesta Fase III de Malhada de Biterres é uma produção importada desde paragens meridionais (nº de inv. 0955). Será este o momento oportuno de chamar a atenção para a questão dos conteúdos transportados neste contentor cerâmico. As produções da *campiña* gaditana estariam especializadas no fabrico de contentores destinados ao transporte de conteúdos vinícolas ou oleícolas, ao passo que as produções da baía gaditana se destinavam ao transporte de produtos piscícolas (Carretero Poblete, 2004, 428; Saéz Romero et al., 2004 a, 113). O exemplar de Malhada de Biterres 2 parece poder inscrever-se nas produções da baía gaditana, daqui podendo-se presumir pelo transporte de preparados de peixe desde as costas do Mediterrâneo ocidental até ao interior do Baixo Alentejo, numa cronologia que rondará o séc. IV a.C.

O recipiente de cerâmica de “tipo Kouass” recolhido num dos depósitos da Fase III de Malhada de Biterres 2 (nº de inv. 0893) corresponde a um fragmento de bojo com ressalto, que mais não deverá ser que o arranque do fundo de uma taça de reduzidas dimensões ou de uma taça baixa e larga, dos tipos IX-C ou IX-B, respectivamente, da tipologia estabelecida por Niveau de Villedary y Mariñas (2003). A peça apresenta um verniz mate e espesso, castanho avermelhado, quase sumido e presente em ténues vestígios no motivo decorativo que ostenta.

O fragmento apresenta no interior uma decoração composta por uma estampilha de quatro palmetas opostas e unidas, numa cartela adaptada ao motivo e com as folhas voltadas para o exterior, referente ao subtipo III-A-I de decoração estabelecido pela mesma investigadora (Niveau de Villedary y Mariñas, 2003, 124 e fig. 43, nºs 1 a 8). A evolução desta decoração e a própria evolução das duas formas atrás propostas conduzem-

nos a incluir o recipiente de Malhada de Biterres 2 na fase mais antiga de produção desta cerâmica, balizada entre os finais do séc. IV e os inícios do séc. III a.C. (Niveau de Villedary y Mariñas, 2008, 255-256).

Ambas as formas destinavam-se quer ao serviço de mesa quer a um uso ritual, com as necessárias distinções atribuídas ao tipo IX-C, respeitante a usos vários e sempre em quantidades reduzidas e ao tipo IX-B, referente a usos vários de semilíquidos (Niveau de Villedary y Mariñas, 2008, 252).

No actual território português e meramente a título de exemplo, é conhecido um exemplar do tipo IX-B-1 com este subtípico de decoração em Castro Marim (Sousa, vol. II, Est. XVII, nº 74) e em Faro, um exemplar de tipo IX-C mas com o subtípico de decoração II-B, sinónimo de ausência de cartela na decoração estampilhada (Sousa,

vol. II, Est. XXV, nº 164).

O estado do recipiente de cerâmica de "tipo Kouass" presente em Malhada de Biterres 2 não permite maiores precisões quanto ao tipo exacto da peça e da decoração e não é sem reservas que apresentamos estas propostas de classificação. No entanto, parece ser suficientemente válido dentro do intervalo temporal conhecido para as formas IX-B e IX-C da tipologia de Niveau de Villedary y Mariñas. Indiscutível é a importância da sua presença num local do interior baixo-alentejano, de onde se conhecem tão poucos exemplares em contextos estratigráficos seguros (Estrela, 2010, 91). A excepção a este panorama é o povoado almodovarense de Mesas do Castelinho, no qual estão presentes peças desde a Fase I de produção desta cerâmica (Estrela, 2010, vol. II, 5 – quadro 5).

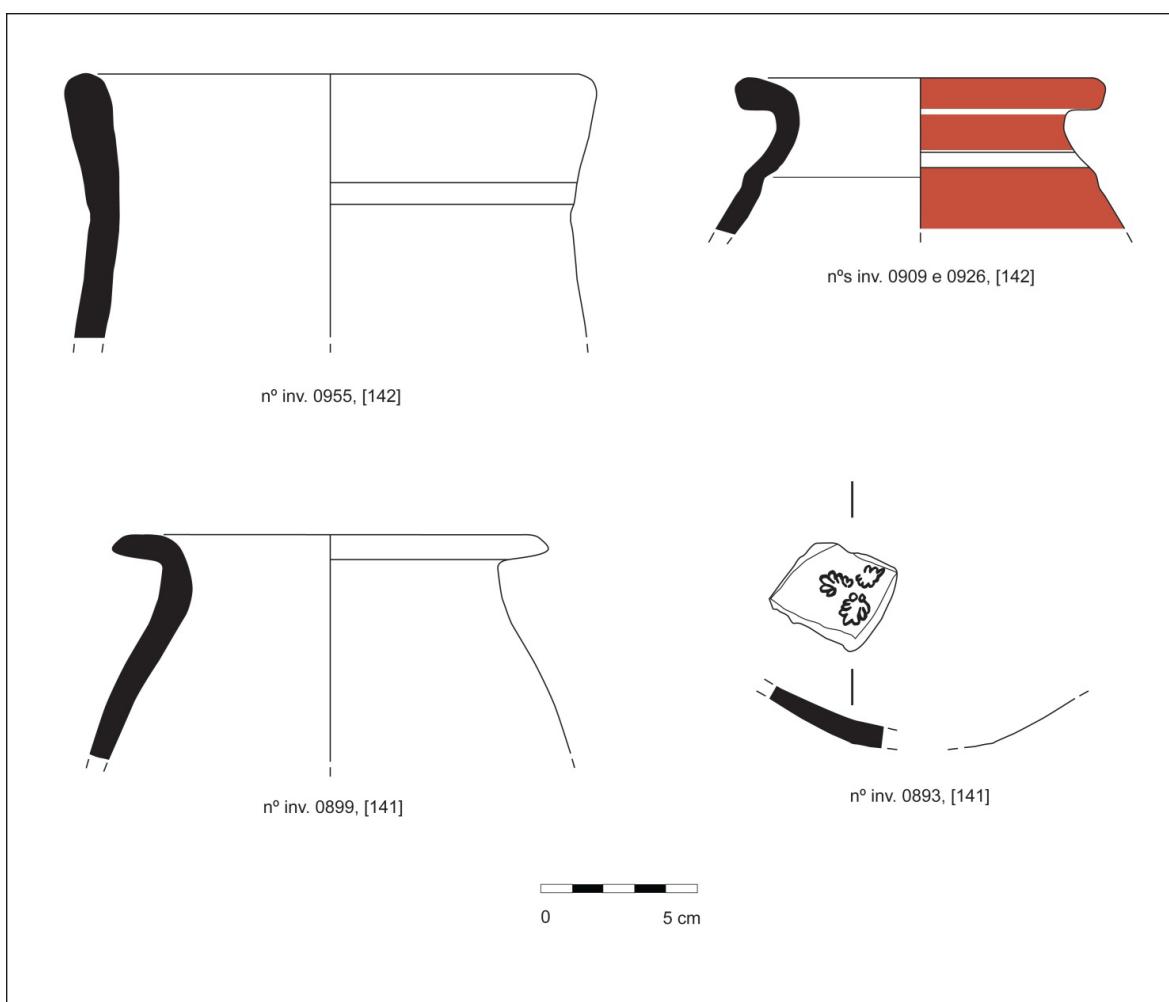


Figura 7: produções importadas e locais/regionais a torno da Fase III de Malhada de Biterres 2.

Os recipientes com matrizes impressas inscritos nesta fase de Malhada de Biterres 2, em número de cinco exemplares (V. fig. 8), podem ser reunidos em três grupos de matrizes distintos: aqueles com matrizes do tipo B-IV em recipientes feitos manualmente e terminados ao torno lento (nºs de inv. 0546 e 0696), aqueles com matrizes impressas do tipo A-VI, em produções também terminadas ao torno lento (nºs de inv. 0801 e 0897) e um quinto feito ao torno e com uma matriz do tipo B-II (nº de inv. 0689).

Este último corresponde a um fragmento de bojo com superfícies alisadas, no qual foi impressa uma matriz circular com um motivo radial (tipo B-II) numa produção a torno e que por esta razão integra o Grupo II da seriação de Fabião (1998, vol. II, 81-82 e 84). Conhece uma ampla difusão nos sítios sidéricos do Sul de Portugal, presente entre o último quartel do séc. V ou meados do séc. IV a.C. no povoado de Alto do Castelinho da Serra – Montemor-o-Novo (Gibson *et al.*, 1998, 237, fig. 12 – nº 2); e em contextos romanos republicanos da Rua do Sembrano, em Beja (Grilo, 2006, vol. II, Est. XXVIII, nº 1016.0018). Nos contextos sidéricos de Mesas do Castelinho (Almodôvar) surge em todas as fases de ocupação, entre os finais do séc. V a.C e o séc. II a.C. (Estrela, 2010, vol. II, 13-15).

Os exemplares com matrizes do tipo B-IV (matriz circular com círculos concêntricos) de Malhada de Biterres 2, pertencentes ao Grupo I de Fabião, encontram paralelos em muitos locais e uma cronologia algo lata, mediada entre os finais do séc. V a.C. e o séc. II a.C.,

com contextos mais ou menos seguros (V. 2.2.). Estas peças de Malhada de Biterres 2 deverão enquadrar-se num intervalo cronológico relativamente preciso, dada a sua associação a outros materiais, balizado entre o séc. IV e o séc. II a.C.

Os últimos dois exemplares com matrizes impressas de Malhada de Biterres 2 correspondem a produções do Grupo I de Fabião com “estampilhas” do tipo A-VI (matrizes quadrangulares com linhas quebradas não fechadas). Da pesquisa que efectuámos em busca de paralelos, apenas nos foi possível apurar algumas semelhanças destas matrizes impressas de Malhada de Biterres 2 com um fragmento de um recipiente de armazenagem proveniente de Castrejón de Capote (Higuera La Real, Badajoz). Trata-se de um fragmento de bojo fabricado manualmente inscrito num tipo de matriz denominado de labiríntico (Berrocal-Rangel, 1994, 351 - lâm. 25, nº 1182; 111 – fig. 35, 6.7, nº 1182; 117 e 312). Foi encontrado numa fase ocupacional do sítio, na qual se assiste a um aparatoso desenvolvimento das estruturas do povoado e se ergue e utiliza o denominado santuário A, inscrito temporalmente entre a segunda metade do séc. IV e os meados do séc. II a.C. (Berrocal-Rangel, 1989, 252 e 253).

As peças baixo-alentejanas deverão ser em parte coevas desta peça estremenha e apenas a associação aos outros materiais arqueológicos desta fase permite uma afinação cronológica de algum modo mais rigorosa, podendo-se afirmar que se inscreverão num intervalo temporal mediado entre o séc. IV e o séc. II a.C.

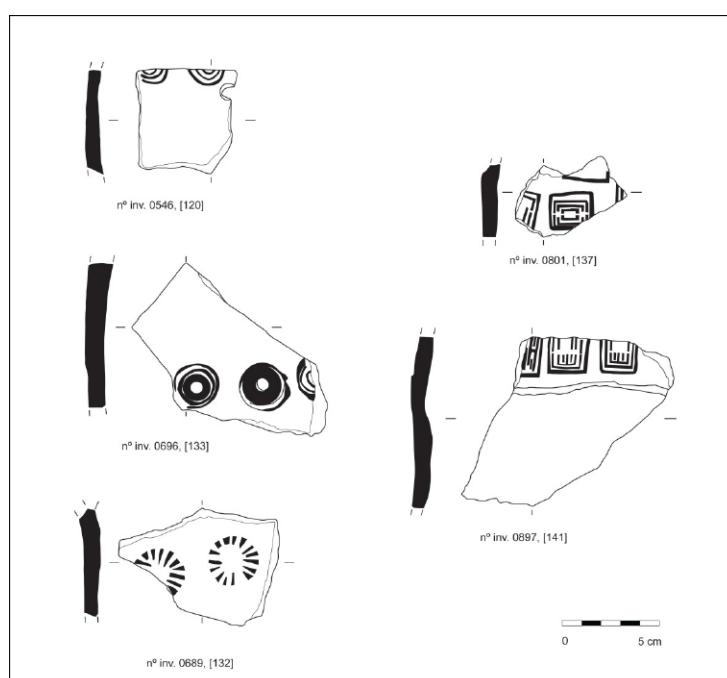


Figura 8: cerâmica com matrizes impressas da Fase III de Malhada de Biterres 2.

2. CONSIDERAÇÕES

Em Malhada de Biterres 2 lidamos, sobretudo, com os momentos de abandono de um forno produtor de cerâmica, situação que não pode ser descurada no momento de interpretar em termos cronológicos a referida estrutura.

Lidamos ainda com um grau relativamente acentuado de destruição desta estrutura, que conheceu o seu episódio mais recente com a abertura da vala para a colocação da conduta de água.

Os materiais identificados no interior da estrutura deverão por isso ser interpretados, de acordo com a sua posição estratigráfica como correspondentes, até uma determinada altimetria, ao momento de abandono, e abaixo desta como referentes aos momentos de utilização da estrutura de combustão, dos quais aliás, temos escassos elementos relevantes. Os materiais identificados nos depósitos preexistentes à sua construção pertencerão, como é fácil de entender, a momentos anteriores.

Estabelecida esta fronteira estratigráfica, a questão seguinte será a de descortinar de que forma os materiais atrás abordados corroboram uma cronologia minimamente segura para este forno.

A resposta não é simples nem segura, já que é dificultada pelas próprias características da intervenção arqueológica, com uma área de intervenção muito circunscrita.

Apesar desta situação, é possível delinejar uma linha cronológica entre os inícios do séc. IV e os inícios do séc. III a.C. para os depósitos preexistentes ao forno (Fase III) nos quais surgiram os fragmentos de uma ânfora T-8.2.1.1. e o fragmento de cerâmica do “tipo Kouass”.

Deste horizonte temporal fazem ainda parte as produções manuais e ao torno lento dos recipientes com matrizes impressas ou daqueles aos quais se apensam cordões plásticos incisos e os “queimadores”. Asseguras atestam um certo conservadorismo nas preferências pelas decorações incisas, o mesmo já não sucedendo com as aplicações plásticas, as matrizes impressas e as janelas triangulares abertas nos vasos fenestrados, que terão antes um carácter funcional e não tanto decorativo (excepção feita às aberturas da base do “queimador”).

Em concreto, as matrizes impressas, dada a sua razoável variedade, poderão envolver questões funcionais que podem passar pela indicação dos alimentos ou do produtor das peças “estampilhadas”.

Aqui reside um dos maiores sigilos (passe a expressão) destas cerâmicas da chamada II Idade do Ferro, que só estudos mais apurados e contextos arqueológicos seguros poderiam ajudar a descortinar.

Os depósitos da Fase II poderão ser integrados numa cronologia ainda sidérica, dada a ausência de elementos claros de datação romana republicana, situação que apenas se observa na Fase I, com a presença de uma ânfora Dressel 1 de origem itálica no depósito de colmatação dos derrubes da estrutura de combustão, fornecedora de um *terminus post quem* para o forno algures pelo séc. II a.C. A presença, nesta última fase, de produções locais-regionais de ânforas que reproduzem modelos inicialmente produzidos em paragens mais longínquas vem condimentar e adensar o interesse numa das questões mais apontadas no domínio científico da Arqueologia: os fenómenos de aculturação. Como já bem foi demonstrado, é “(...) *um dos mais claros indícios [da] incidência directa nos quotidianos das populações locais* (...)” (Fabião, 2001, 128).

Já o forno propriamente dito vem colocar apenas mais um ponto no mapa das estruturas de apoio ao mundo rural, ainda hoje mal caracterizado para as etapas do fim da Idade do Ferro e dos inícios da presença romana. Relativamente melhor conhecido é o mundo de explorações rurais, com *uillae* e *fundi* a disseminarem-se em torno da capital *Pax Julia*.

As dimensões do forno remetem para a hipótese de se destinhar a uma produção de cerâmica de certo nível, mas essencialmente de cariz familiar. A linha divisória entre uma e outra cronologia (sidérica ou romana republicana) para esta estrutura são de tal modo ténues, mas ao mesmo tempo, suficientemente marcadas para falarmos de uma fase terminal da Idade do Ferro para a sua construção, se atendermos à cronologia dos produtos cerâmicos importados da Fase III.

Outras estruturas de combustão atestam a existência de produção de cerâmica na área: os fornos de Monte das Cortes 1 e de Vale de Barrancas. O primeiro localiza-se a cerca de 1250 metros para Sul e o segundo a cerca de 500 metros para Noroeste de Malhada de Biterres 2. No primeiro caso, a estrutura de planta sub-circular e acesso feito a partir de um corredor, conhece uma cronologia centrada nos sécs. IV-V d.C. (Porfírio et al., 2012). O forno de Vale de Barrancas, de cronologia romana imperial (Jesus et al., 2001) quebra de alguma

forma o intervalo cronológico entre o forno de Malhada de Biterres 2 e o forno do Monte das Cortes 1.

Estes fornos mais recentes demonstram, porventura, uma área especializada em estruturas de combustão produtoras de cerâmica, iniciada, pelo menos nos finais da Idade do Ferro e mantida até muito tempo depois. Se associarmos os fornos de Malhada de Biterres 2, de Vale de Barrancas e de Monte das Cortes 1, recuamos até ao séc. II a.C., e atestamos, com hiatos provocados apenas pelo vazio da investigação, até aos sécs. IV-V d.C., uma produção oleira conhecida para a área de Beringel desde o séc. XVIII, enquadrada num triângulo que tem os seus vértices nesta localidade, em São Teotónio e em Melides (Quaresma, 2000, 55 e 57).

Sobre as produções cerâmicas cozidas na estrutura de combustão, poucos ou nenhuns dados podem ser avançados, à excepção óbvia de que não seriam os

produtos importados desde paragens mais meridionais aqueles que ali seriam elaborados. A presença razoável de cerâmica com matrizes impressas poderia ser uma via de saída para esta questão, mas perante os contextos arqueológicos pouco seguros em que surgiram, não nos atrevemos a defendê-la com vigor.

O estado fracturado dos materiais recolhidos não facilita a tarefa e deverá ser encarado como material residual de momentos anteriores ou paralelos, que só uma área mais alargada de escavação ajudaria, eventualmente, a esclarecer.

O isolamento deste forno, funcional e cronológico, ganharia com a contribuição de estudos mais aprofundados do povoamento desta região, sobretudo daquele que se inscreve entre os meados e os finais do I milénio a. C., e sobretudo daquele relacionado com as vivências do mundo rural.

AGRADECIMENTOS

Foram algumas as pessoas que se disponibilizaram a conceder os seus conhecimentos e um pouco do seu tempo e que nos auxiliaram no momento de preparação deste artigo.

Queremos agradecer ao Professor Carlos Fabião a pista que concedeu na busca de paralelos para o fragmento de asa com matrizes impressas e as suas determinantes e determinadas observações sobre fornos produtores de cerâmica, inestimáveis no momento de encontrar classificações e cronologias num tema com bibliografia ainda tão dispersa. As conversas informais sobre um qualquer tema arqueológico não se agraciaram,

mas as tidas em torno das cerâmicas com matrizes impressas são dignas de arquivo para desejados e futuros estudos sobre o ainda tão enigmático tema.

Ao Victor Filipe agradecemos a ajuda preciosa na classificação das ânforas de tradição pré-romana e a cedência antecipada do seu artigo (Filipe, 2010) que, entretanto, à data a que escrevemos estas linhas, deixou de estar no prelo (finalmente...) e já conheceu a tinta da tipografia e o reconhecimento da sua importância.

Ambos, porém, estão isentos de responsabilidade nos erros ou omissões nas linhas atrás escritas.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. de (2004) – Introdução ao estudo da tecnologia romana. *Cadernos de Arqueologia e Arte* 7. Coimbra: Instituto de Arqueologia/Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- ARNAUD, J. M; GAMITO, T. J. (1974-1977) – Cerâmicas estampilhadas da Idade do Ferro do Sul de Portugal. I – Cabeça de Vaiamonte – Monforte. *O Arqueólogo Português*. Série III. 7-9, 165-202.
- ARRUDA, A. M. (2001) – Importações púnicas no Algarve: cronologia e significado. *Os Púnicos no Extremo Ocidente. Actas do Colóquio Internacional. Lisboa, 27 e 8 de Outubro de 2000*. Lisboa: Universidade Aberta, 69-98.
- ARRUDA, A. M; BARGÃO, P; SOUSA, E. de (2005) – A ocupação pré-romana de Faro: alguns dados novos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa. 8:1, 177-208.
- ARRUDA, A. M; SOUSA, E; BARGÃO, P. e LOURENÇO, P. (2008) – Monte Molião (Lagos): resultados de um projecto em curso. *Xelb. Revista de Arqueologia, Arte, Etnología e História. Actas do 5º Encontro de Arqueologia do Algarve. Silves, 25 a 27 de Outubro de 2007*. Silves: Museu Municipal de Arqueologia/ Câmara Municipal de Silves. 8, vol. 1, 137-168.
- BEIRÃO, C. M; SILVA, C. T; SOARES, J; GOMES, M. V; GOMES, R. V. (1985) – Depósito votivo da II Idade do Ferro de Garvão. Notícia da primeira campanha de escavações. *O Arqueólogo Português*. Série IV. 3, 45-136.
- BERNAL, D; DÍAZ, J. D; EXPÓSITO, J. A. e LORENZO, L. (2002) – Aportaciones al estudio de la ocupación púnica y romana en San Fernando, Cádiz. La intervención arqueológica en la carretera de Camposoto. *Congreso Nacional de Arqueología* 23, Huesca, 2003. II – Protohistoria. *Bolskan. Revista de Arqueología del Instituto de Estudios Altoaragoneses*. Nº 1, 321-333.
- BERROCAL-RANGEL, L. (1989) – El asentamiento “céltico” del Castrejón de Capote (Higuera La Real, Badajoz). *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología*. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid. 16, 245-295.
- BERROCAL-RANGEL, L. (1994) – *El altar prerromano de Castrejón de Capote. Ensayo etno-arqueológico de un ritual céltico en el suroeste peninsular*. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid.
- CALADO, M. e MATALOTO, R. (2008) – O post-orientalizante da margem direita do regolfo de Alqueva (Alentejo Central). In JIMÉNEZ ÁVILA, J. (ed.), *Sidereum Ana I. El río Guadiana en época post-orientalizante. Anejos de Archivo Español de Arqueología XLVI*. Mérida: CSIC, 185-217.
- CALADO, M; MATALOTO, R. e ROCHA, A. (2007) - Povoamento proto-histórico na margem direita do regolfo de Alqueva (Alentejo, Portugal). In RODRÍGUEZ DÍAZ, A. e PAVÓN SOLDEVILLA, I. (eds.), *Arqueología de la tierra. Paisajes rurales de la protohistoria peninsular. VI cursos de verano internacionales de la Universidad de Extremadura (Castuera, 5-8 julio 2005)*. Cáceres: Universidad de Extremadura, 129-179.
- CARRETERO POBLETE, P. A. (2004) – Las producciones cerámicas de ánforas tipo “Campamentos Numantinos” y su origen en San Fernando (Cádiz): los hornos de Pery Junquera. In BERNAL CASASOLA, D; LAGÓSTENA BARRIOS, L. (eds. Lits.) - *Actas del Congreso Internacional Figlinae Baeticae. Talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a.C.- VII d.C.)*. Universidad de Cádiz, Noviembre, 2003. BAR. International Series. 1266, Oxford, 427-440.
- COLL CONESA, J. (2008) – Hornos romanos en España. Aspectos de morfología y tecnología. In BERNAL CASASOLA, D. e RIBERA i LACOMBA, A. (eds. Científicos), *Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la cuestión*. Cádiz: Universidad de Cádiz, 113-125.
- COSTA, A. I. M. da (1910) – Estações prehistóricas nos arredores de Setúbal. Appendix. Homem protohistórico. Idades do bronze e do ferro no Castro de Chibanes. *O Archeólogo Português*. I série, nº XV, 55-83.
- COSTA, T. (2010) - *O Castelo Velho de Safara (Moura): Elementos para o seu Estudo. Dissertação de Mestrado em Arqueologia*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. [policopiado].
- ESTRELA, S. (2010) – *Os Níveis Fundacionais da Idade do Ferro de Mesas do Castelinho (Almodôvar). Os Contextos Arqueológicos na (Re) Construção do Povoado*. Dissertação de Mestrado orientada pelo Professor Doutor Carlos Fabião. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa.
- FABIÃO, C. (1998) – *O Mundo Indígena e a sua Romanização na Área Céltica do Território hoje Português*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 3 Vols. [policopiado].
- FABIÃO, C. (2001) – Mundo indígena, romanos e sociedade provincial romana: sobre a percepção arqueológica da mudança. *Era Arqueologia*. Lisboa: Era Arqueologia e Edições Colibri. 3, 108-131.
- FABIÃO, C. (2003) - O Serro do Cavaco (Tavira). In *Tavira: território e poder*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, 77 – 81.
- FERRER ALBELDA, E. e GARCÍA FERNÁNDEZ, F. J. (2008) - Cerámica turdetana. In BERNAL CASASOLA, D. e RIBERA i LACOMBA, A. (eds. Científicos), *Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la cuestión*. Cádiz: Universidad de Cádiz, 201-219.
- FILIPE, V. (2010) – As ânforas de tradição pré-romana de Mesas do Castelinho (Almodôvar). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico, Vol. 13, nº 1, 57-88.
- GAGO VIDAL, M. H; CLAVAÍN GONZÁLEZ, I; MUÑOZ VICENTE, A; PERDIGONES MORENO, L. e de FRUTOS REYES, G. (2000) – El complejo industrial de salazones gaditano de Camposoto, San Fernando (Cádiz): estudio preliminar. *Habis*. Sevilla: Universidad de Sevilla. N° 31, 37-60.

V ENCONTRO DE ARQUEOLOGIA DO SUDOESTE PENINSULAR

- GARCÍA FERNÁNDEZ, F. J. e GARCÍA VARGAS, E. (2010) – Entre gaditanización y romanización: repertorios cerámicos, alimentación e integración cultural en Turdetania (siglos III-I a.C.). In MATA PARREÑO, C.; PEREZ JORDA, G. e VIVES-FERRÁNDIZ SÁNCHEZ, J. (Eds.) - *De la Cuina a la Taula. IV Reunió d'Economia en el Primer Millenni a.C. Saguntum Extra 9. Papeles del Laboratorio de Arqueología de Valencia.* Valencia: Department de Prehistòria i Arqueologia. Universitat de València, 115-134.
- GIBSON, C; CORREIA, V. H; BURGESS, C. B. e BOARDMANN, S. (1998) – Alto do Castelinho da Serra (Montemor-o-Novo, Évora, Portugal). A preliminary report on the excavations at the Late Bronze Age to Medieval site, 1990-1993. *Journal of Iberian Archaeology.* Porto: ADECAP. N° 0, 189-243.
- GOMES, M. V. (1993) – O estabelecimento fenício-púnico do Cerro da Rocha Branca (Silves). Os Fenícios no Território Português. Estudos Orientais IV. Lisboa: Instituto Oriental, 73- 107.
- GONZÁLEZ TORAYA, B; TORRES QUIRÓS, J; LAGÓSTENA BARRIOS, L. e PRIETO REINA, O. (2002) – Los inicios de la producción anfórica en la bahía gaditana en época republicana: la intervención de urgencia en la Avda. Pery Junquera (San Fernando, Cádiz). *Actas del Congreso Internacional Ex Baetica Amphorae. Conservas, Aceite y Vino de la Bética en el Imperio Romano. Sevilla y Écija, 17 al 20 de Diciembre de 1998.* Écija: Editorial Gráficas Sol, S.A. Vol. I, 175-186.
- GRILLO, C. (2006) – *A Rua do Sembrano e a Ocupação Pré-Romana de Beja.* Dissertação de Mestrado em Pré-história e Arqueologia: Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2 Vols. [policopiado].
- GRILLO, C. (2007) – *A Rua do Sembrano e a ocupação pré-romana de Beja. Vipasca. Arqueologia e História.* Aljustrel: Câmara Municipal de Aljustrel. II Série, 2, 261-268.
- JESUS, L. de; GOMES, L. F. C; CARVALHO, P. M. S. de e SANTOS, F. J. C. dos (2001) – Trabalhos arqueológicos no Vale de Barrancas (concelho de Beja). Vipasca. Arqueologia e História. Aljustrel: Câmara Municipal de Aljustrel. N° 10, 27-46.
- LAVADO, M. L. (1999) – La cerámica del horno del estrato II. In AUBET, M. E. et al. (Eds.) – *Cerro del Villar. I – El asentamiento fenicio en la desembocadura del Guadalhorce y su interacción con el hinterland.* Monografías de Junta de Andalucía, 128-135.
- MAIA, M. (2004) - *Tavira turdetana, porto do "Círculo do Estreito" nos finais do séc. V a.C.* <<http://www.arqueotavira.com/Estudos/PescaTavira.pdf>>.
- MATA PARREÑO, C. (1985) – Algunas cerámicas ibéricas con decoración impresa de la provincia de Valencia. *Saguntum. Papeles del Laboratorio de Arqueología de Valencia.* Valencia: Departament de Prehistòria i Arqueologia. Facultat de Geografia i Història. Universitat de Valencia. N° 19, 153-181.
- MORAIS, R. (2010) – Ânforas. In ALARCÃO, J. de, CARVALHO, P. e GONÇALVES, A. (coord.), (2010) - *Castelo da Lousa – intervenções Arqueológicas de 1997 a 2002.* Mérida: UNED/ Junta de Extremadura. *Studia Lusitana* 5, 181- 218.
- NIVEAU de VILLENDAR y MARIÑAS, A. M. (2003) – *Las cerámicas gaditanas "tipo Kuass". Base para el análisis de la Bahía de Cádiz en época púnica.* Madrid: Real Academia de la Historia, Universidad de Cádiz. Biblioteca Arcaheologica Hispana 21. *Studia Hispano-Phoenicia* 4.
- NIVEAU de VILLENDAR y MARIÑAS, A. M. (2008) – La cerámica “tipo Kuass”. In BERNAL CASASOLA, D. e RIBERA i LACOMBA, A. (eds. Científicos), *Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la cuestión.* Cádiz: Universidad de Cádiz, 245-262.
- NUNES, S; CORGA, M; ALMEIDA, M; BASÍLIO, J; NEVES, M. J. e DIAS, G. (2008) – Dados preliminares para a compreensão arqueoestratigráfica do sítio de Currais 5 (S. Manços, Évora). *III Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular. Aljustrel, 26 a 28 de Outubro de 2006. Vipasca. Arqueologia e História. Aljustrel: Câmara Municipal de Aljustrel. 2ª Série, nº 2, 454-462.*
- PAIXÃO, A. C. (2001) – Alcácer do Sal proto-histórica no contexto mediterrâneo. *Os Púnicos no Extremo Ocidente. Actas do Colóquio Internacional.* Lisboa, 27 e 8 de Outubro de 2000. Lisboa: Universidade Aberta, 149-172.
- PARREIRA, J. (2009) – *As Ânforas Romanas de Mesas do Castelinho. Mestrado em Arqueologia.* Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2 Vols. [policopiado].
- PEREIRA SIESO, J. (1988) - La cerámica ibérica de la Cuenca del Guadalquivir. I. Propuesta de clasificación. *Trabajos de Prehistoria.* Madrid: CSIC. 45, 143-173.
- PORFÍRIO, E; BARBOSA, R. P. e VALINHO, A. (2012) – A ocupação da Antiguidade Tardia do Monte das Cortes 1 (Mombeja, Beja). *V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular. Almodôvar, 18, 19 e 20 de Novembro de 2010.* [poster].
- QUARESMA, A. M. (2000) – O Alentejo meridional: mito e realidade. In FALCÃO, J. A. (dir.), *Entre o céu e a terra: arte sacra da diocese de Beja. Catálogo da exposição.* Beja: Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja. Vol. I, 38-81.
- RICARDO, I; GRILLO, C. (no prelo) – *Carta de património arqueológico e arquitectónico. Beja. Caderno de Mombeja.* Beja: Câmara Municipal de Beja.
- RUIZ RODRIGUEZ, A. e NOCETE CALVO, F. (1981) – Un modelo sincrónico para el análisis de la producción de cerámica ibérica estampillada del Alto Guadalquivir. *Cuadernos de Prehistoria de la Universidad de Granada.* Granada: Universidad de Granada. 6, 355-383.
- SAÉZ ROMERO, A. M; DÍAZ RODRÍGUEZ, J. e SAÉZ ESPLIGARES, A. (2004) – Nuevas aportaciones a la definición del *Círculo del Estrecho*: la cultura material a través de algunos centros alfareros (ss. VI-I a.n.e.). *Gerión.* Madrid: Universidad Complutense de Madrid. Vol. 22, nº 1, 31-60.
- SAÉZ ROMERO, A. M; DÍAZ RODRÍGUEZ, J. J. e MONTERO FERNÁNDEZ, R. (2004 a) – Acerca de un tipo de ánfora salazonera púnico-gaditana. *Habis.* Sevilla: universidad de Sevilla. N° 35, 109-133.

**MALHADA DE BITERRES 2 (MOMBEJA, BEJA):
UM FORNO DA IDADE DO FERRO NOS ALVORES DA ROMANIZAÇÃO**

- SAÉZ ROMERO, A. M. e DÍAZ RODRÍGUEZ, J. (2007) – La producción de ánforas de tipo griego y grecoítálico en Gadir y el área del Estrecho. *Cuestiones tipológicas y de contenido.* *Zephyrus.* Salamanca: Universidad de Salamanca. Nº 60, 195-208.
- SAÉZ ROMERO, A. M. (2008) – La producción de ánforas en la área del Estrecho en época tardopúnica (siglos III-I a.C.). In BERNAL CASASOLA, D. e RIBERA i LACOMBA, A. (eds. Científicos), *Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la cuestión.* Cádiz: Universidad de Cádiz, 635-659.
- SOARES, A.M. M. (2001) – O Castelo Velho de Safara. Notícia preliminar. *Vipasca. Arqueología e História.* Aljustrel: Unidade Arqueológica de Aljustrel /Câmara Municipal de Aljustrel. 10, 57-64.
- SOARES, A. M. M. e BRAGA, J. R. (1986) – Balanço provisório da intervenção arqueológica já realizada no Castelo de Serpa. *I Encontro de Arqueologia da Região de Beja. Arquivo de Beja.* Beja. IIª Série. III, 167-198.
- SOUSA, E. R. B. de (2005) – *A Cerâmica de "Tipo Kuass" do Castelo de Castro Marim e de Faro. Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia.* Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2 Vols. [policopiado].
- VALOR, J. P; MATA, C; FROCHOSO, R; IRANZO, P. (2005) – Las cerámicas ibéricas con decoración impresa y incisa del territorio de Kelin (Comarca de Requena- Utiel, Valéncia). *Sagvntum. Papeles del Laboratorio de Arqueología de Valencia.* Valencia: Universitat de Valencia. Facultat de Geografia i Història. Departament de Prehistòria i d'Arqueologia. 37, 105-124.